

O FUTEBOL NAS CIÊNCIAS HUMANAS NO BRASIL



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni
(org.)

O FUTEBOL NAS CIÊNCIAS
HUMANAS NO BRASIL

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

F989

O futebol nas ciências humanas no Brasil / organização: Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Copa do mundo (Futebol) 2. Futebol – Brasil - História. 2. Futebol – Aspectos sociais. 3. Futebol – Aspectos políticos. I. Giglio, Sérgio Settani. II. Proni, Marcelo Weishaupt. III. Título.

CDD – 796.3346680981
– 796.3340981
– 306.483
– 796.334

ISBN 978-65-86253-00-9

Copyright © Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Este livro é dedicado a
Gilmar Mascarenhas e Simoni Lahud Guedes*

*Que nos ensinaram muitas lições e nos mostraram
novos modos de pensar o mundo do futebol*

AGRADECIMENTOS

Quando decidimos organizar este livro, enviamos muitos convites para que pesquisadores procedentes de diversas universidades pudessem se integrar ao projeto. Em razão do pouco tempo disponível para enviar o texto, alguns não puderam participar desse esforço coletivo. Mas a maioria dos convidados aceitou o desafio e nos ajudou a viabilizar esta rica coletânea.

Certamente, isso só foi possível porque já existia uma rede de relacionamentos entre pesquisadores desse campo de estudos e uma experiência já consolidada de colaboração mútua e de compartilhamento de ideias. Por isso, queremos registrar aqui a importância do Ludopédio, o maior portal acadêmico especializado em futebol no Brasil, que propiciou a formação de uma rede de relacionamentos que continua a crescer.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
--------------------	----

Parte 1 – Política

1. FUTEBOL E POLÍTICA.....	25
<i>Luiz Carlos Ribeiro</i>	
2. ENTRE POLÍTICOS E PARETROS: AS RELAÇÕES POLÍTICAS DO FUTEBOL BRASILEIRO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	44
<i>Maurício Drumond</i>	
3. “A MINHA PREOCUPAÇÃO ERA JOGAR FUTEBOL”: RELAÇÕES ENTRE FUTEBOL E DITADURA.....	62
<i>Sérgio Settani Giglio</i>	
4. A DIMENSÃO POLÍTICA DO FUTEBOL-ARTE	80
<i>José Paulo Florenzano</i>	
5. COPA DO MUNDO DE 1982: VENTOS DEMOCRÁTICOS NA ESPANHA E NO BRASIL	97
<i>Alvaro Vicente do Cabo</i>	
6. O F. C. BARCELONA E O CATALANISMO: APONTAMENTOS SOBRE AS ORIGENS HISTÓRICAS DA TRANSCENDENTALIDADE POLÍTICA DE UM CLUBE DE FUTEBOL	121
<i>Euclides de Freitas Couto</i>	

Parte 2 – História

7. FUTEBOL E HISTÓRIA	139
<i>João Manuel Casquinha Malaia Santos</i>	
8. ENTRE A EVIDÊNCIA E A ESPECULAÇÃO: A “ORIGEM” DO FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO E EM NITERÓI	152
<i>Victor Andrade de Melo</i>	
9. O NASCIMENTO DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA	166
<i>Plínio Labriola Negreiros</i>	
10. MITOS, FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL (1930-1983).....	187
<i>Denaldo Alchorne de Souza</i>	

Parte 3 – Sociologia

11. ESPORTE E SOCIEDADE EM ESCRITOS DE ROBERTO DAMATTA.....	203
<i>Alexandre Fernandez Vaz</i>	
12. FRIED, O FUTEBOL E A INDIVIDUALIZAÇÃO DO SPORTMAN.....	220
<i>Ricardo Lucena</i>	
13. FUTEBOL E CAPITALISMO GLOBAL: MERCADORIZAÇÃO DO ESPORTE E A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA NEOLIBERAL.....	232
<i>Michel Nicolau Netto e Sávio Cavalcante</i>	
14. FUTEBOL BOM É O EUROPEU?! SOBRE AS TESES DO ATRASO E DO DESVIO NA LEITURA DO PROCESSO MODERNIZADOR FUTEBOLÍSTICO BRASILEIRO	255
<i>Juliano de Souza e Wanderley Marchi Jr.</i>	
15. A COOPTAÇÃO ESTRATÉGICA DOS BRICS PELA FIFA: ANÁLISE DA ÁFRICA DO SUL, DO BRASIL E DA RÚSSIA	276
<i>Marco Bettine</i>	

Parte 4 – Antropologia

16. SENTIDOS, SIGNIFICADOS E REDE DE RELAÇÕES EM TORNO DO FUTEBOL: EXEMPLOS ANALÍTICOS	291
<i>Simoni Lahud Guedes</i>	
17. FUTEBOL E ANTROPOLOGIA	309
<i>Arlei Sander Damo</i>	
18. FUTEBOL E ANTROPOLOGIA, UM JOGO ETNOGRÁFICO “DE CATEGORIA”	337
<i>Enrico Spaggiari</i>	
19. GARRINCHA, PELÉ E MARADONA: O SAGRADO ESPORTIVIZADO EM TEMPOS DE ICONOCLASTIA FUTEBOLÍSTICA.....	354
<i>Luiz Henrique de Toledo</i>	
20. QUANDO COMEÇA E TERMINA O EVENTO COPA DO MUNDO 2014?.....	381
<i>Martin Curi</i>	

Parte 5 – Comunicação e literatura

21. FUTEBOL E ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL: CAMINHOS E ENCRUZILHADAS DE UM CAMPO INDISCIPLINAR	399
<i>Édison Gastaldo</i>	
22. ESPORTE E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL: VÍCIOS E VIRTUDES DE UM MATRIMÔNIO SECULAR.....	410
<i>José Carlos Marques</i>	

23. FUTEBOL E LITERATURA NO BRASIL.....	426
<i>Elcio Loureiro Cornelsen</i>	
24. POÉTICAS DO FUTEBOL: FORMAS DO JOGO NO PAPEL	452
<i>Gustavo Cerqueira Guimarães</i>	
25. QUEM NÃO FAZ LEVA: FUTEBOL, LINGUAGEM E HISTÓRIA.....	466
<i>Raul Milliet Filho</i>	
26. “O TRISTE FIM DO CANARINHO PISTOLA”: A COBERTURA DA COPA DO MUNDO DE 2018 NO JORNAL <i>MEIA HORA</i>	477
<i>Leda Costa e Ronaldo Helal</i>	

Parte 6 – Outras áreas

27. A GEOGRAFIA DAS COPAS: O BRASIL URBANO EM 1950	493
<i>Gilmar Mascarenhas</i>	
28. ESTÁDIOS E ARENAS COMO LENTES PRIVILEGIADAS PARA CAPTURAR AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO.....	508
<i>Fernando da Costa Ferreira</i>	
29. O FUTEBOL-EMPRESA NO BRASIL.....	524
<i>Marcelo Weishaupt Proni</i>	
30. DAS “CINCO ESTRELAS” QUE NINGUÉM TEM AO 7 A 1 QUE NINGUÉM LEVOU: A GESTÃO COMO INSTRUMENTO PARA O FUTEBOL BRASILEIRO VOLTAR A VENCER ...	554
<i>Leandro Carlos Mazzei e Ary José Rocco Jr.</i>	
31. PEDAGOGIA NÃO LINEAR NO FUTEBOL: UMA BUSCA POR ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS QUE POSSAM NORTEAR O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE TAREFAS REPRESENTATIVAS	570
<i>João Cláudio Machado e Alcides José Scaglia</i>	

Parte 7 – Gênero, torcidas e racismos

32. DIMENSÕES DE GÊNERO E OS MÚLTIPLOS FUTEBÓIS NO BRASIL.....	589
<i>Wagner Xavier de Camargo</i>	
33. PROJETOS DE VIDA, MULHERES E FUTEBOL.....	605
<i>Osmar Moreira de Souza Júnior e Heloisa Helena Baldy dos Reis</i>	
34. O BRASIL É HEXA: A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE MARTA	623
<i>Cláudia Samuel Kessler e Silvana Vilodre Goellner</i>	
35. A PALAVRA E A VOZ NO FUTEBOL: APONTAMENTOS SOBRE MULHERES E NARRAÇÃO ESPORTIVA	640
<i>Leonardo Turchi Pacheco</i>	

36. ORDEM & PROGRESSO NAS ARQUIBANCADAS: JORNALISMO ESPORTIVO E A GÊNESE DAS TORCIDAS UNIFORMIZADAS DE FUTEBOL DURANTE O REGIME POLÍTICO DO ESTADO NOVO (1937-1945).....	652
<i>Bernardo Buarque de Hollanda e Aníbal Chaim</i>	
37. FUTEBOL, VIOLÊNCIAS E A POLÍTICA DEMOCRÁTICA NO BRASIL.....	671
<i>Heloisa Helena Baldy dos Reis e Mariana Zuaneti Martins</i>	
38. NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: (DES)CONSTRUINDO A CATEGORIA “TORCEDOR VIOLENTO”	687
<i>Felipe Tavares Paes Lopes</i>	
39. A EXPERIÊNCIA DO TORCER NO (DITO) “FUTEBOL MODERNO”	702
<i>Silvio Ricardo da Silva e Priscila Augusta Ferreira Campos</i>	
40. O “RACISMO À BRASILEIRA” NO FUTEBOL.....	721
<i>Bruno Otavio de Lacerda Abrahão e Antonio Jorge Gonçalves Soares</i>	
41. “ESSA É UMA REALIDADE”: OS RACISMOS VIVIDOS E NARRADOS POR NEGROS EM VÁRIAS ÁREAS DE ATUAÇÃO NO FUTEBOL BRASILEIRO	740
<i>Marcel Diego Tonini</i>	

Parte 8 – Prorrogação

42. A POLÊMICA SOBRE O VAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO FUTEBOL.....	761
<i>Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni</i>	
SOBRE OS AUTORES	789

APRESENTAÇÃO

No dia 5 de julho de 1982, quase todos pararam, no Brasil, para ver a seleção nacional jogar. Na Espanha, a seleção brasileira enfrentaria a Itália pela Copa do Mundo. Havia a expectativa de que a seleção, formada por jogadores excelentes, conquistaria pela quarta vez o campeonato mundial de futebol masculino. Depois de duas decepções, em 1974 e 1978, parecia que a nação voltaria a vencer e ser admirada. Mas, como todos sabem, o título não foi conquistado porque os deuses do futebol são caprichosos. E, naquele dia, quase todos se emocionaram e se frustraram no Brasil.

Essa data entrou para a história do futebol brasileiro: a derrota do futebol-arte contra o futebol pragmático. Mesmo não tendo sido campeã, a seleção de 1982, de Telê Santana, é lembrada como uma equipe que jogava bonito e primava pelo jogo coletivo. Ficou o ensinamento: a beleza do jogo coletivo e criativo se perpetua. Essa é a inspiração da presente coletânea.

Naquela época, o futebol ainda não havia efetivamente entrado no campo acadêmico. A dissertação – *O futebol brasileiro: Instituição zero* – de Simoni Lahud Guedes, defendida em 1977, e a de Ricardo Augusto Benzaquen de Araújo, em 1980 – *Os gênios da pelota: Um estudo do futebol como profissão* –, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional-Universidade Federal do Rio de Janeiro, mostravam um caminho a ser desbravado e um terreno a ser ocupado. Porém, isso só começou a se concretizar na década seguinte. As universidades, até então, não davam bola para um assunto que, geralmente, não era levado a sério. Havia um certo estranhamento. Além dos professores de educação física, só os jornalistas tinham permissão para entrar no campo do futebol. Mesmo os estudiosos da literatura nacional davam pouca importância ao tema.

Mas esse estranhamento começava a ser expurgado aos poucos e teve na produção de alguns livros a visibilidade que as dissertações naquele momento não conseguiriam alcançar. Em 1981, o professor Joel Rufino dos Santos publicava o livro *História política do futebol brasileiro*, pela editora Brasiliense.¹ Em uma tentativa de periodização, dividia a história do futebol no Brasil em quatro períodos, sendo que o último, posterior a 1970 (até o momento em que o livro foi publicado), era marcado por uma “crise do futebol brasileiro”. O tema futebol começava, de forma ainda tênue, a receber atenção no meio universitário.

Em 1983, a Câmara dos Deputados promoveu um ciclo de debates para discutir o panorama do esporte brasileiro e, em especial, os problemas do futebol profissional, mostrando que o assunto também passava a ser pautado na política nacional.

¹ Santos, 1981.

A derrota da seleção que incorporava o futebol-arte talvez pudesse servir de exemplo para entender essa crise do futebol brasileiro. Ou, então, o desastre no extinto estádio do Sarriá, em Barcelona, decerto poderia estabelecer novos elementos para entender os dilemas que perturbavam a sociedade brasileira, naquela conjuntura nacional complicada, por meio da tensão explícita entre razão e paixão no âmbito do futebol. Mas dificilmente tais entendimentos viriam em sua plenitude. Afinal, como era possível perder por 3 a 2 para a Itália tendo uma equipe que jogava tão bem, dava espetáculo, encantava a imprensa internacional?

O ano de 1982 pode ser considerado um divisor de águas. A publicação de dois livros seminais² abriu caminho para o estudo do futebol na universidade. É preciso destacar que a obra de Rufino foi muito importante, mas esses outros tiveram maior acessibilidade e circulação mais efetiva, e foram produzidos de forma coletiva. O livro *Universo do futebol*, que tem o professor Roberto DaMatta como grande articulador, reuniu mais três pesquisadores (Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel) para debater o futebol. Em simultâneo, a obra intitulada *Futebol e cultura: Coletânea de estudos*, organizada pelos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter, com a participação de diversos pesquisadores, trouxe novas leituras sobre o tema.

Foi na década de 1990 que os estudos sobre futebol se disseminaram. A presença do futebol no campo da pesquisa acadêmica trazia inúmeras possibilidades a serem experimentadas em diversas áreas do conhecimento, principalmente na pós-graduação. Surgiram grupos de estudos e centros de pesquisas reunindo os interessados em estudar novas temáticas. Várias abordagens teóricas foram testadas, metodologias de análise científica foram aplicadas, novas interpretações ganharam densidade, congressos acadêmicos abriram espaço para novos pesquisadores. Mas a produção acadêmica era ainda incipiente nessa época.

Nos anos 2000, aumentou o financiamento à pesquisa e ficou mais fácil a disseminação de conhecimento. Os estudos sobre o lazer e os esportes ganharam prestígio no meio universitário. Nesse contexto, a produção acadêmica sobre o futebol se expandiu tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo.³ A publicação de livros e artigos em periódicos especializados, a criação de cursos e a realização de seminários construíram pontes para diálogos e novos espaços para o debate de ideias. Importante também mencionar que houve uma desconcentração regional da produção acadêmica na medida em que os grupos de estudos se espalharam por todo o país.

No dia 8 de julho de 2014, quase todos pararam, no Brasil, para ver a seleção nacional jogar. Semifinal da Copa do Mundo, que agora tinha de ser “padrão Fifa”. Mineirão lotado, Belo Horizonte agitada. Havia a expectativa de que a seleção, formada por jogadores milionários, pudesse conquistar o hexa. A seleção alemã, contudo, vinha fazendo uma campanha mais convincente, e a contusão de Neymar no jogo anterior era um prenúncio de que os deuses do futebol não estavam do nosso lado. Depois de duas desilusões, em

² DaMatta, 1982; Meihy & Witter, 1982.

³ Alabarces, 2004; Giglio & Spaggiari, 2010; Silva *et al.*, 2009; Toledo, 2001.

2006 e 2010, uma nova derrota não seria tão frustrante. Parecia que o Brasil não precisava vencer a Copa para ser admirado. Mas, como todos sabem, a seleção de Felipão sofreu uma humilhação inesquecível: 7 a 1, fora o baile... Uma verdadeira aula, oferecida pela Alemanha, de como se deve jogar futebol. E, naquele dia, quase todos os brasileiros ficaram anestesiados e revoltados.

A Copa de 2014 talvez tenha provocado uma nova inflexão nos estudos sobre o futebol brasileiro em alguns aspectos, mas em outros não. Sem dúvida, a crise era mais profunda fora do campo de jogo, e a conjuntura nacional, muito mais complexa e difícil de explicar. No ano seguinte, foi instaurada a CPI do Futebol no Congresso Nacional para investigar possíveis crimes envolvendo a CBF e a organização da Copa. Mais de 30 anos depois, o futebol voltava a ser debatido frequentemente nas universidades brasileiras, e nenhum membro da academia ousaria dizer que esse não era um tema de estudo para ser levado a sério, ou que se tratava de um assunto de menor importância.

A década atual consolidou o movimento de ampliação de linhas de pesquisa relacionadas com o futebol no interior das ciências humanas e intensificou a busca por estudos de natureza interdisciplinar. Os núcleos de pesquisa mais estruturados procuraram reforçar o caráter multidisciplinar de seus estudos. Predomina uma grande diversidade de enfoques e é crescente o número de estudos temáticos transversais. Portanto, qualquer levantamento da ampla produção bibliográfica relevante sobre o futebol no campo das ciências humanas tornar-se-ia, rapidamente, uma tarefa bastante exaustiva.

Podemos considerar que há pelo menos três gerações de pesquisadores que ajudaram a construir o campo de estudos acadêmicos sobre o futebol nas ciências humanas. A primeira geração surgiu no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. São os pioneiros, que tomaram para si a tarefa de inserir o futebol entre os temas a serem estudados pela academia. A segunda geração abriga o grupo de pessoas que realizaram suas pesquisas de mestrado e/ou doutorado nos anos 1990. De algum modo, produziram um impulso fundamental e estabeleceram referências teóricas (publicadas principalmente em livros ou em revistas que produziram dossiês sobre esporte) que passaram a nortear os estudos sobre futebol nas diferentes áreas do conhecimento. E a terceira geração surgiu a partir dos anos 2000, contribuindo para que a produção acadêmica desse enormes saltos. Esta teve a internet como a grande aliada para pesquisar publicações internacionais e para encontrar fontes e documentos praticamente inexplorados pelas gerações anteriores.

Esta coletânea busca retratar a multiplicidade de enfoques que constituem o campo de pesquisas sobre futebol no Brasil, por intermédio de pesquisadores(as) que desenvolveram estudos em diversas universidades do país. Estão presentes estudos oriundos das seguintes áreas do conhecimento: história, sociologia, antropologia, política, geografia, economia, administração, comunicação, literatura e educação física. Além disso, há vários temas transversais, como gênero, raça, torcidas e Copa do Mundo.

O livro reúne três gerações de pesquisadores, que atuam, ou atuaram, em 26 centros espalhados por quatro grandes regiões do país. Da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), à qual pertencem os organizadores desta coletânea, participam pesquisadores de quatro unidades de ensino: Faculdade de Educação Física (FEF),

Instituto de Economia (IE), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e Faculdade de Ciências Aplicadas de Limeira (FCA).

A lista das demais universidades contempladas é longa: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Universidade de Sorocaba (Uniso), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), Universidade Cândido Mendes (Ucam), Universidade Estácio de Sá, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Embora o time campeão formado aqui seja composto por pesquisadores(as) com diversas formações acadêmicas, não foi possível, apesar do elevado número de capítulos, debater a totalidade dos temas relativos ao futebol tratados nos últimos 40 anos no campo das ciências humanas no Brasil. Além disso, há áreas do conhecimento que não estão contempladas, como o direito e a psicologia, enquanto outras estão sub-representadas.

O livro está dividido em oito partes. As cinco primeiras são dedicadas às áreas “clássicas”, nas quais se concentram as linhas de pesquisa mais conhecidas: política, história, sociologia, antropologia e comunicação e literatura. A sexta parte contempla estudos de outras áreas, em que o interesse pelo futebol aumentou consideravelmente neste século: geografia, economia, administração e pedagogia. A sétima parte contempla temas em torno dos quais foram se estruturando debates sistemáticos: gênero, torcidas e racismo, e é dedicada ao debate sobre a introdução do árbitro de vídeo no Brasil. Embora os capítulos presentes nesta última parte pudessem ser incluídos em alguma área “clássica”, optamos por apresentá-los separadamente.

A última parte traz um capítulo único, dedicado ao debate sobre a introdução do árbitro de vídeo no Brasil.

Os capítulos que compõem cada uma das partes não são homogêneos. Alguns fornecem uma visão ampla sobre abordagens metodológicas ou sobre debates de ordem geral na respectiva área de conhecimento, no que se refere ao futebol. Outros buscam contemplar aspectos mais específicos ou aprofundar a reflexão sobre temas polêmicos. Não houve a preocupação de padronizar o enfoque ou a linha de argumentação. Os(as) autores(as) tiveram total liberdade para definir a questão norteadora, a estratégia de análise e o estilo de redação.

O texto que abre a Parte 1 – Política –, intitulado “Futebol e política”, é de Luiz Carlos Ribeiro e tem o propósito de fazer uma discussão conceitual e histórica da relação entre futebol e política. Estrutura um percurso panorâmico para mostrar não só

o crescente uso do futebol por autoridades governamentais, mas a própria constituição de uma dimensão política no universo do futebol. Na sequência, no capítulo 2, “Entre políticos e paredros: As relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX”, Maurício Drumond analisa a aproximação gradual do Estado com o futebol brasileiro, que tem como um de seus resultados a criação do Conselho Nacional de Desporto (CND) e o modelo de tutela estatal sobre o esporte. Seu foco está voltado para a primeira metade do século XX. A relação entre futebol e ditadura é explorada por Sérgio Settani Giglio, no capítulo 3, por meio das entrevistas realizadas com os jogadores do futebol masculino do Brasil que disputaram os Jogos Olímpicos de 1968. No texto “A minha preocupação era jogar futebol”: Relações entre futebol e ditadura”, Giglio explora uma das dimensões da separação entre futebol e política, que se estrutura como uma marca do discurso da maioria dos agentes que compõem o campo futebolístico. Seguindo nessa linha cronológica, o capítulo 4, “A dimensão política do futebol-arte”, assinado por José Paulo Florenzano, amplia o debate histórico sobre o futebol-arte para além da dimensão estética do jogo bonito. O autor mostra o modo pelo qual a expressão futebol-arte foi apropriada e ressignificada em termos políticos pelos jogadores rebeldes, convertendo-se em um instrumento decisivo de combate à matriz militar-científica presente nos clubes brasileiros. Por sua vez, tendo como foco uma nova história política, Alvaro Vicente do Cabo explora, no capítulo 5, “Copa do Mundo de 1982: Ventos democráticos na Espanha e no Brasil”, a construção de discursos democráticos por ocasião da Copa do Mundo de 1982 tanto no Brasil quanto na Espanha. Analisa a organização do Mundial espanhol, as expectativas em torno da seleção brasileira de futebol e a conjuntura política de redemocratização. O capítulo 6, “O F. C. Barcelona e o catalanismo: Apontamentos sobre as origens históricas da transcendentalidade política de um clube de futebol” – que fecha a primeira parte –, é de autoria de Euclides de Freitas Couto, que analisa o processo de transcendentalidade do F. C. Barcelona tendo em vista as nuances sociais e políticas inscritas na história da Espanha e da Catalunha.

A Parte 2 – História – é composta de quatro capítulos. No capítulo 7, “Futebol e história”, João Manuel Casquinha Malaia Santos mostra possíveis caminhos para a construção de estudos que possam contribuir com a pesquisa histórica e com o campo da historiografia. Seu objetivo é oferecer subsídios para uma reflexão sobre os desafios e especificidades da pesquisa histórica no campo do futebol. Victor Andrade de Melo, no capítulo 8, “Entre a evidência e a especulação: A ‘origem’ do futebol no Rio de Janeiro e em Niterói”, questiona os debates sobre a “origem” do futebol no Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Como forma de desconstruir o discurso oficial, mostra que, entre 1898 e 1902, foram realizados os primeiros jogos em diferentes esferas, foi estruturado um calendário e se iniciou a formação de um campo que iria rapidamente se estabelecer. Seguindo na trilha das origens, Plínio Labriola Negreiros explora, no capítulo 9, “O nascimento do Sport Club Corinthians Paulista”. Seu texto parte de dois pontos: os caminhos metodológicos para a construção da história de um clube esportivo, e a potencialidade que esse tipo de história pode oferecer ao dialogar com

os mais diferentes campos, tais como o econômico, o político, o social, o cultural e o esportivo. Para fechar a Parte 2, o capítulo 10, “Mitos, futebol e identidade nacional (1930-1983)”, de Denaldo Alchorne de Souza, analisa como o futebol se torna muito popular e como foram produzidas diferentes representações do esporte e da identidade nacional no período que compreende o primeiro governo Vargas (1930-1945) até o regime militar (1964-1985). Sua intenção é compreender como o futebol foi utilizado simbolicamente por diferentes atores sociais na construção da identidade nacional no Brasil.

A Parte 3 intitula-se Sociologia. No capítulo 11, “Esporte e sociedade em escritos de Roberto DaMatta”, Alexandre Fernandez Vaz analisa a proposta teórica de Roberto DaMatta, um dos precursores dos estudos sobre futebol no Brasil, apontando suas potencialidades e seus limites interpretativos. No texto seguinte, capítulo 12, “Fried, o futebol e a individualização do *sportman*”, Ricardo Lucena retrata a trajetória de um dos maiores craques do futebol brasileiro, Friedenreich, utilizando categorias sociológicas desenvolvidas por Norbert Elias, no livro *Mozart: A sociologia de um gênio*. Os três textos seguintes abordam questões contemporâneas sobre o universo do futebol. No capítulo 13, “Futebol e capitalismo global: Mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal”, Michel Nicolau Netto e Sávio Cavalcante tomam o futebol como um espaço privilegiado para compreender a lógica econômica e cultural do capitalismo. Para isso, tratam das características do processo de mercadorização do futebol-espetáculo e investigam a trajetória da carreira do jogador Neymar Jr. para analisar como os valores do pensamento liberal – mérito, esforço e competição – são mobilizados no futebol. No capítulo 14, “Futebol bom é o europeu?! Sobre as teses do atraso e do desvio na leitura do processo modernizador futebolístico brasileiro”, Juliano de Souza e Wanderley Marchi Jr. examinam os discursos sobre o processo modernizador do futebol brasileiro que tomaram como modelo o futebol europeu e destacam a retroalimentação entre teoria e senso comum na construção de uma interpretação do processo modernizador pela ótica do atraso e pela perspectiva do desvio. Por fim, no capítulo 15, “A cooptação estratégica dos Brics pela Fifa: Análise da África do Sul, do Brasil e da Rússia”, Marco Bettine discute o interesse estratégico de países que integram o Brics – África do Sul, Brasil e Rússia – de sediar a Copa do Mundo como forma de ampliação do *soft power*.

Os três primeiros capítulos da Parte 4 – Antropologia – refletem as três gerações de pesquisadores que já mencionamos e sintetizam questões essenciais. No capítulo 16, “Sentidos, significados e rede de relações em torno do futebol: Exemplos analíticos”, Simoni Lahud Guedes explora as possibilidades da análise antropológica por quatro aspectos: reflexão sobre a formação da perspectiva antropológica e os desdobramentos modernos dos trabalhos clássicos; como o futebol se tornou esse tema multifacetado; como as etnografias clássicas de que dispomos podem nos ajudar a pensar a estruturação do futebol na atualidade; como o futebol se transformou em *locus* de representação da totalidade nacional nas competições internacionais. No capítulo 17, “Futebol e antropologia”, Arlei Sander Damo discute a contribuição da antropologia para o entendimento do futebol como um fato social e cultural. No caminho percorrido,

mostra como a diversidade (um dos princípios estruturantes da antropologia) ajudou a construir a categoria “futebóis”. Por sua vez, Enrico Spaggiari, no capítulo 18, “Futebol e antropologia, um jogo etnográfico ‘de categoria’”, apresenta um balanço da produção antropológica norteador, principalmente, por categorias de análise contemporâneas. Na sequência, outras duas visões. O texto de Luiz Henrique de Toledo, capítulo 19, “Garrincha, Pelé e Maradona: O *sagrado esportivizado* em tempos de iconoclastia futebolística”, tece aproximações entre a antropologia das práticas esportivas e a antropologia da arte. Faz isso a partir da análise sobre a produção e a destruição de ídolos. O capítulo 20, “Quando começa e termina o evento Copa do Mundo 2014?”, fecha o bloco antropológico e é escrito por Martin Curi, que utiliza dados etnográficos provenientes de observações de instituições estatais e não estatais do Brasil e da Alemanha por ocasião da organização da Copa do Mundo de 2014, questionando, a partir desse olhar, a noção de “legado”.

A Parte 5 – Comunicação e literatura – é composta por seis capítulos. O capítulo 21, intitulado “Futebol e estudos de comunicação no Brasil: Caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar”, escrito por Édison Gastaldo, tem como objetivo explorar alguns elementos da interseção entre a esfera da comunicação e o mundo do futebol, evidenciando as tênues fronteiras disciplinares que estruturam esse campo acadêmico, assim como alguns percursos teóricos e metodológicos que permitem estabelecer conexões com outras áreas do conhecimento. No capítulo 22, “Esporte e os meios de comunicação no Brasil: Vícios e virtudes de um matrimônio secular”, José Carlos Marques analisa as particularidades da cobertura da cena esportiva realizada pelos meios impresso, radiofônico e televisivo no Brasil, numa retrospectiva histórica. O autor ressalta as consequências de haver um casamento de interesses: eventos esportivos preenchem espaços na cobertura de jornais, rádios e televisões, e tais meios de comunicação ampliam a demanda, permitem a difusão desses eventos e divulgam seus patrocinadores. Por sua vez, no capítulo 23, “Futebol e literatura no Brasil”, Elcio Loureiro Cornelsen desloca o foco para outro campo, buscando identificar os principais escritores nacionais que se enveredaram pelas sendas do futebol e suas obras mais importantes, desde o início do século XX aos dias atuais, e verificar se há gêneros literários nos quais a produção literária sobre o futebol é significativa. Na sequência, o capítulo 24, assinado por Gustavo Cerqueira Guimarães, foca num gênero específico: “Poéticas do futebol: Formas do jogo no papel”. O intuito do autor é explorar semelhanças estruturais entre o texto e o campo de jogo, esclarecendo que alguns poemas usam princípios advindos do futebol para representá-los formalmente, utilizando imagens, formas, estruturas e ritmos derivados do jogo. No capítulo 25, “Quem não faz leva: Futebol, linguagem e história”, Raul Milliet Filho enaltece a linguagem própria do futebol, que transbordou para o cotidiano da sociedade brasileira, dando voz aos principais criadores de metáforas e aforismos: Nelson Rodrigues, Neném Prancha, João Saldanha e Gentil Cardoso. Por fim, no capítulo 26, “‘O triste fim do canarinho pistola’: A cobertura da Copa do Mundo de 2018 no jornal *Meia Hora*”, Leda Costa e Ronaldo Helal argumentam que a narrativa da derrota da seleção brasileira

se esforçou por interpretar os sentidos imaginariamente ocultos da desclassificação (configurando uma “hermenêutica da derrota”) e concluem que tal narrativa já não trata, como acontecia no passado, o futebol como “metonímia da nação”.

A Parte 6 – Outras áreas – reúne cinco textos. O capítulo 27, de Gilmar Mascarenhas, “A geografia das Copas: O Brasil urbano em 1950”, parte do pressuposto de que entender a forma como o futebol se estruturou em grandes cidades auxilia na compreensão de determinados fenômenos geográficos. O objetivo do texto é analisar o movimento de renovação do parque de estádios em algumas capitais, mesmo antes de 1950, e verificar como a Copa do Mundo reforçou esse movimento, na transição para uma cultura urbana de massas. No capítulo 28, “Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano”, Fernando da Costa Ferreira mostra a importância dos estudos desenvolvidos no campo da geografia dos esportes para a construção de uma visão crítica acerca das tentativas de imposição de uma lógica mercantilista, que pretende reduzir os estádios, as arenas e a própria cidade a espaços de consumo, frequentados por limitada parcela da população. No capítulo 29, “O futebol-empresa no Brasil”, Marcelo Weishaupt Proni propõe uma reflexão sobre o desenvolvimento econômico do futebol no país, partindo da explicação das características do negócio e da discussão do desempenho financeiro dos clubes da elite nacional. Depois de mencionar as propriedades gerais desse campo econômico singular, o texto examina como os clubes “grandes” reagiram a mudanças nas condições da concorrência e mostra que o domínio da lógica mercantil reforçou as desigualdades entre os próprios clubes da elite. Na sequência, Leandro Carlos Mazzei e Ary José Rocco Jr. assinam o capítulo 30, “Das ‘cinco estrelas’ que ninguém tem aos 7 a 1 que ninguém levou: A gestão como instrumento para o futebol brasileiro voltar a vencer”. Os autores propõem um olhar desde a perspectiva da administração de empresas, cujo propósito é evidenciar os problemas recorrentes causados pela falta de uma gestão eficiente e a importância de adotar critérios de boa governança na gestão do futebol nacional. No capítulo 31, João Cláudio Machado e Alcides José Scaglia apresentam contribuições recentes no campo da pedagogia aplicada ao futebol. O texto, intitulado “Pedagogia não linear no futebol: Uma busca por estratégias pedagógicas que possam nortear o processo de criação de tarefas representativas”, examina o processo de ensino e os métodos de treinamento que proporcionam aos alunos um ambiente de aprendizagem rico, representativo e adequado às suas capacidades, e permite perceber como profissionais da educação física estão tentando recuperar a experiência complexa propiciada pelo futebol de rua, que durante muito tempo ofereceu formas espontâneas e lúdicas para o desenvolvimento da inteligência e da criatividade dos jogadores.

Na Parte 7 – Gênero, Torcidas e Racismo – estão contemplados dez textos. No capítulo 32, “Dimensões de gênero e os múltiplos futebolis no Brasil”, Wagner Xavier de Camargo convida o leitor a olhar para as diversas práticas realizadas fora do âmbito do futebol institucionalizado priorizado pela mídia, onde se concentram as expressões de “masculinidade”. Refletindo a respeito das relações de gênero, o autor mostra as camadas de preconceito que envolvem a representação social quando o